

**UniRV - UNIVERSIDADE DE RIO VERDE
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA**

COMPLEXO GENGIVITE ESTOMATITE FELINA

**GABRIELA GIOVANINI DE MOURA
Orientador: Prof. Dr. TALES DIAS DO PRADO**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Medicina Veterinária da UniRV –
Universidade de Rio Verde, resultante de
Estágio Curricular Supervisionado como parte
das exigências para obtenção do título de
Médica Veterinária**

RIO VERDE – GOIÁS

2019



GABRIELA GIOVANINI DE MOURA

COMPLEXO GENGIVITE ESTOMATITE FELINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Medicina Veterinária da UniRV – Universidade de Rio Verde, resultante de Estágio Curricular Supervisionado como parte das exigências para obtenção do título de Médico Veterinário.

Aprovado em: 13/11/19

Rejane Guerra Ribeiro Simm
PROF^a. DR^a. REJANE GUERRA RIBEIRO SIMM

Mariana Paz Rodrigues Dias
PROF^a. Ms. MARIANA PAZ RODRIGUES DIAS

Tales Dias do Prado
PROF. Dr. TALES DIAS DO PRADO

(Orientador)

RIO VERDE – GOIÁS

2019

Finalizo mais uma jornada importante em minha vida, agradecendo primeiramente a Deus, que me permitiu completar este ciclo. Agradeço, também, aos meus pais, que sempre me apoiaram e acreditaram em mim, antes de mim mesma. Aos meus professores, sou grata, pela dedicação, empenho nas aulas, pois sem eles eu não poderia me tornar Médica Veterinária, de conteúdo.

RESUMO

MOURA, G. G. **Complexo gengivite estomatite felina**. 2019. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – UniRV – Universidade de Rio Verde, Rio Verde 2019¹.

Este trabalho de conclusão de curso relata as atividades desenvolvidas, no estágio obrigatório supervisionado, em Medicina Veterinária, realizado no período de 19 de agosto até 01 de novembro de 2019, na cidade de Goiânia, no hospital veterinário Santa Clara e no hospital veterinário São Francisco. As atividades desenvolvidas estão consubstanciadas no atendimento clínico, cirúrgico, urgência e emergência. O complexo de gengivite estomatite felina foi escolhido para ser relatado, por ser uma doença, que engloba várias causas, para o seu surgimento.

PALAVRAS-CHAVE

Gatos, reação inflamatória, tonsilas, úlceras.

¹ Banca Examinadora: Prof. Dr. Tales Dias Do Prado (Orientador); Prof. Mariana Rodrigues Dias; Prof. Rejane Guerra

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Fachada do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia - GO (2019).....	11
FIGURA 2	Consultório de atendimento clínico canino do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia - GO (2019).....	12
FIGURA 3	Consultório de atendimento clínico felino do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia - GO (2019).....	12
FIGURA 4	Laboratório do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia - GO (2019).....	12
FIGURA 5	Centro cirúrgico do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia - GO (2019).....	13
FIGURA 6	Pós-operatório do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia - GO (2019).	13
FIGURA 7	Gatil do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia - GO (2019).....	13
FIGURA 8	Unidade de terapia intensiva (UTI) do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia- GO (2019).....	14
FIGURA 9	Fachada Hospital Veterinário São Francisco de Assis – Goiânia - GO (2019).....	14
FIGURA 10	Consultório de atendimento clínico do Hospital Veterinário São Francisco de Assis - Goiânia - GO (2019).....	16
FIGURA 11	Pós-operatório canino do Hospital Veterinário São Francisco de Assis - Goiânia - GO (2019).....	16
FIGURA 12	Gatil do Hospital Veterinário São Francisco de Assis - Goiânia-GO (2019).....	16
FIGURA 13	Unidade de terapia intensiva (UTI) do Hospital Veterinário São Francisco de Assis - Goiânia - GO (2019).....	17
FIGURA 14	Centro cirúrgico do Hospital Veterinário São Francisco de Assis - Goiânia -GO (2019).....	17
FIGURA 15	Relação de gênero e espécies dos animais atendidos no Hospital Veterinário Santa Clara durante o estágio supervisionado obrigatório em Medicina Veterinária no ano de 2019.....	18

FIGURA 16	Relação de gênero e espécies dos animais atendidos no Hospital Veterinário São Francisco de Assis durante o estágio supervisionado obrigatório em Medicina Veterinária no ano de 2019.....	18
FIGURA 17	Paciente felina, Teca, com lesões ulceradas na gengiva (2019).....	26
FIGURA 18	Paciente felina, Teca, após a extração dentária (2019).....	28

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Enfermidades clínicas acompanhadas no hospital veterinário Santa Clara durante o ESO em Medicina Veterinária, no ano de 2019.....	19
TABELA 2	Procedimentos cirúrgicos acompanhados no hospital veterinário Santa Clara durante o ESO em Medicina Veterinária, no ano de 2019.....	19
TABELA 3	Outros procedimentos acompanhados no hospital veterinário Santa Clara durante o ESO em Medicina Veterinária, no ano 2019.....	20
TABELA 4	Exames realizados no hospital veterinário Santa Clara durante o ESO em medicina veterinária, no ano 2019.....	20
TABELA 5	Enfermidades clínicas acompanhados no hospital veterinário São Francisco de Assis durante o ESO em Medicina Veterinária no ano de 2019.....	20
TABELA 6	Procedimentos cirúrgicos acompanhados no hospital veterinário São Francisco de Assis durante o ESO em Medicina Veterinária, no ano de 2019.....	21
TABELA 7	Outros procedimentos acompanhados no hospital veterinário São Francisco de Assis durante o ESO em Medicina Veterinária, no ano 2019.	21
TABELA 8	Exames realizados no hospital veterinário São Francisco de Assis durante o ESO em Medicina Veterinária, no ano 2019.....	21

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CGEF - Complexo Gengivite-Estomatite Felina

CVF - Calicivírus felino

ESO - Estágio supervisionado obrigatório

FELV - Vírus da leucemia felina

HVF-1 - Herpesvírus felino

IFN - Interferon

IgG - Imunoglobulinas G

IgM – Imunoglobulinas M

IgA – Imunoglobulinas A

SRD- Sem raça definida

UTI – Unidade de terapia intensiva

VIF - Vírus da imunodeficiência felina

VLF - Vírus da leucemia felina

VPIF - Vírus da peritonite infecciosa felina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	11
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	23
3.1 Introdução.....	23
3.2 Epidemiologia.....	24
3.2.1 Raças, sexo e idade.....	24
3.3 Etiologia.....	24
3.3.1 Ambiente, alimentação e estresse.....	24
3.3.2 Vírus.....	24
3.3.3 Bactérias.....	25
3.3.4 Imunológico.....	25
3.4 Sinais clínicos.....	26
3.5 Diagnóstico.....	26
3.6 Tratamento.....	27
3.7 Profilaxia.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

O estágio curricular supervisionado foi realizado no período entre 19 de agosto até 01 de novembro de 2019, totalizando 400 horas, e foi orientado pelo professor Dr. Tales Dias do Prado e supervisionado pela médica veterinária Karla Symone e pelo médico veterinário Iago Pereira.

As atividades do estágio englobaram atendimento clínico, exame ultrassonográfico, radiográfico, eletrocardiograma, ecocardiograma, hemograma, bioquímicos, exames rápidos de lactato e glicemia, além de procedimentos cirúrgicos, todos em animais de pequeno porte.

A primeira etapa do estágio curricular foi realizada no Hospital Veterinário Santa Clara, durante o período de 19 de agosto até 27 de setembro de 2019, com carga horária semanal de 40 horas, totalizando 240 horas.

A segunda etapa do estágio curricular foi realizada, no Hospital Veterinário São Francisco de Assis, durante o período de 30 de setembro até 1 de novembro de 2019, com carga horária semanal de 40 horas, totalizando 200 horas.

2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O Hospital Veterinário Santa Clara (Figura 1) fica situado Av. C-231, 717 - Jardim América, na cidade de Goiânia no estado de Goiás. O seu horário de funcionamento é 24 horas



FIGURA 1 - Fachada do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia - GO (2019).

por dia, diariamente. O hospital dispõe de dois consultórios para consultas clínicas caninas (Figura 2) e um consultório apenas para atendimento felino (Figura 3), laboratório (Figura 4) onde realizam procedimentos laboratoriais, sala de ultrassonografia, sala de radiografia e dois centros cirúrgicos para eventuais cirurgias (Figura 5).

Os animais internados são separados por alas como; pós-operatório (Figura 6), gatil (Figura 7), unidade de terapia intensiva (UTI) (Figura 8) e isolamento para animais com doenças infecciosas transmissíveis.



FIGURA 2 - Consultório de atendimento clínico canino do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia - GO (2019).



FIGURA 3 - Consultório de atendimento clínico felino do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia - GO (2019).



FIGURA 4 - Laboratório do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia - GO (2019).



FIGURA 5 - Centro cirúrgico do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia - GO (2019).



FIGURA 6 - Pós-operatório do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia - GO (2019).



FIGURA 7 - Gatil do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia - GO (2019).



FIGURA 8 - Unidade de terapia intensiva (UTI) do Hospital Veterinário Santa Clara Goiânia-GO (2019).

O hospital veterinário São Francisco de Assis (Figura 9) fica localizado na av. Serrinha, S/N, quadra 8 lote 1, Serrinha, na cidade de Goiânia-GO, legalmente representada pelo Médico Veterinário Thiago Augusto Lourenço.



FIGURA 9 - Fachada Hospital Veterinário São Francisco de Assis – Goiânia- GO (2019).

Com funcionamento de 24 horas por dia, todos os dias, o hospital conta com 4 consultórios, para consultas (Figura 10), sendo um, apenas para a realização de vacinação, pós-operatório canino (Figura 11), gatil (Figura 12), unidade de terapia intensiva (UTI) (Figura 13), dois centros cirúrgicos (Figura 14) e isolamento, local em que são internados os animais, com doenças infecto contagiosas.

Aos estagiários são distribuídas várias atividades, como a aferição dos parâmetros dos animais internados, duas vezes por dia, sendo elas: aferição da temperatura, pressão, mucosa, tempo de preenchimento capilar e frequência cardíaca, além de acompanhamento nos atendimentos clínicos e procedimentos cirúrgicos.



FIGURA 10 - Consultório de atendimento clínico do Hospital Veterinário São Francisco de Assis - Goiânia - GO (2019).



FIGURA 11 - Pós-operatório canino do Hospital Veterinário São Francisco de Assis - Goiânia - GO (2019).



FIGURA 12 - Gatil do Hospital Veterinário São Francisco de Assis - Goiânia-GO (2019).



FIGURA 13 - Unidade de terapia intensiva (UTI) do Hospital Veterinário São Francisco de Assis - Goiânia - GO (2019)



FIGURA 14 - Centro cirúrgico do Hospital Veterinário São Francisco de Assis - Goiânia -GO (2019).

Durante o estágio supervisionado realizado, em dois hospitais veterinários, Hospital Veterinário Santa Clara e Hospital Veterinário São Francisco, ambos localizados, na cidade de Goiânia/GO, foram realizados vários atendimentos clínicos de diversas enfermidades, em animais de pequeno porte, assim como cirúrgicas. As espécies e gêneros dos animais atendidos no hospital veterinário Santa Clara encontram-se nas Figuras 15 e 16.

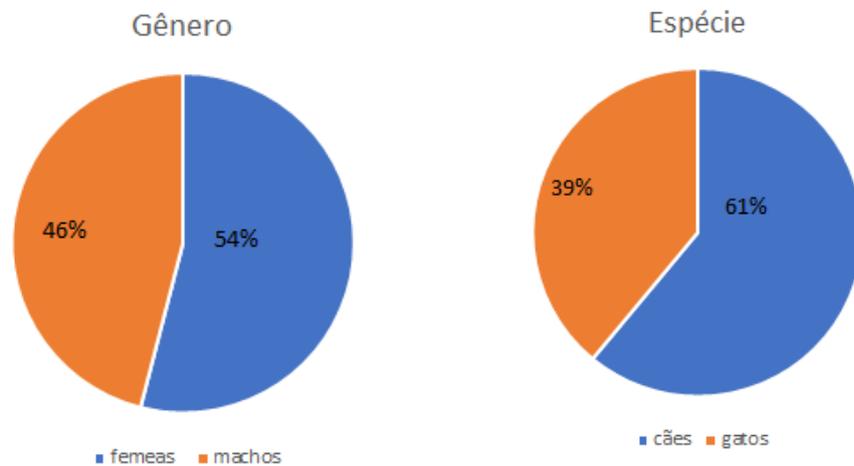


FIGURA 15 - Relação de gênero e espécies dos animais atendidos no Hospital Veterinário Santa Clara durante o estágio supervisionado obrigatório em Medicina Veterinária no ano de 2019.

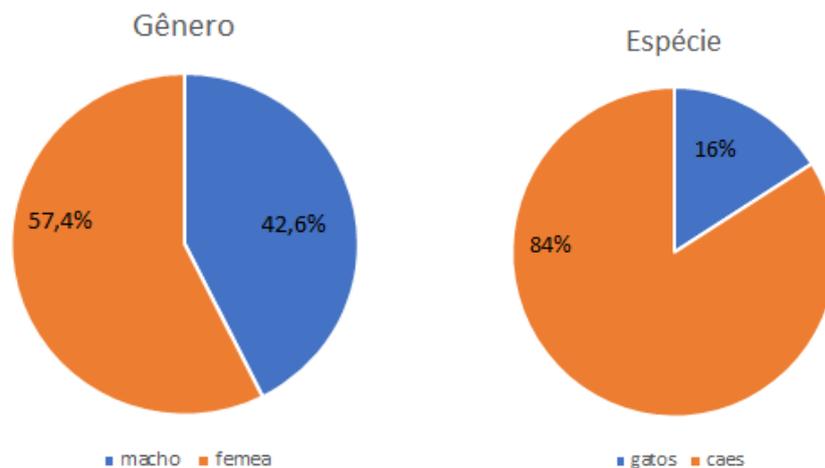


FIGURA 16 - Relação de gênero e espécies dos animais atendidos no Hospital Veterinário São Francisco de Assis durante o estágio supervisionado obrigatório em Medicina Veterinária no ano de 2019.

A rotina de um hospital veterinário é bastante dinâmica, sendo realizados todos os exames necessários para a conclusão do diagnóstico das doenças. Durante o ESO foi possível acompanhar vários atendimentos clínicos seguidos de exames complementares, e procedimentos cirúrgicos. A tabela 1 apresenta o quantitativo de enfermidades acometidas nos animais, que precisavam de atendimento clínico, no hospital veterinário Santa Clara. A tabela 2 aponta o quantitativo de animais, que sofreram procedimento cirúrgico, no hospital veterinário Santa Clara, a tabela 3 apresenta outros procedimentos realizados, no hospital veterinário Santa Clara e a tabela 4 apresenta a quantidade de exames realizados, no hospital

veterinário Santa Clara. A tabela 5 apresenta o quantitativo de enfermidades acometidas nos animais, que precisavam de atendimento clínico, no hospital veterinário São Francisco de Assis e a tabela 6 aponta o quantitativo de animais, que sofreram procedimento cirúrgico, no hospital veterinário São Francisco de Assis e a tabela 7 apresenta outros procedimentos realizados, no hospital veterinário São Francisco de Assis e a tabela 8 apresenta a quantidade de exames realizados, no hospital veterinário São Francisco de Assis.

TABELA 1 - Enfermidades clínicas acompanhados no hospital veterinário Santa Clara durante o ESO em Medicina Veterinária, no ano de 2019

ENFERMIDADES	QUANTIDADE DE ANIMAIS	(%)
Bronquite	3	9,1
Cinomose	2	6,1
Diabetes	1	3,0
Epilepsia	2	6,1
Erliquiose	2	6,1
estomatite/gengivite	2	6,1
Gastroenterite	3	9,1
Intoxicação	1	3,0
Insuficiência cardíaca	3	9,1
Lipidose	2	6,1
mordida de outro cão	1	3,0
Neoplasia	2	6,1
Otite	1	3,0
Pancreatite	1	3,0
Parvovirose	5	15,0
Urolitíase	2	6,1
TOTAL	33	100

TABELA 2 - Procedimentos cirúrgicos acompanhados no hospital veterinário Santa Clara durante o ESO em Medicina Veterinária, no ano de 2019

PROCEDIMENTO	QUANTIDADE DE ANIMAIS	(%)
Cesariana	2	11,2
Esofagotomia	3	16,6
Exodontia	3	16,6
Mastectomia	2	11,2
Orquiectomia	4	22,2
Ovariohisterectomia	3	16,6
Ortopedia	1	5,6
TOTAL	18	100

TABELA 3 - Outros procedimentos acompanhados no hospital veterinário Santa Clara durante o ESO em Medicina Veterinária, no ano 2019

PROCEDIMENTO	QUANTIDADE DE ANIMAIS	(%)
Esofagotomia	3	23,1
Exames de rotina	4	30,7
Quimioterapia	3	23,1
Vacinação	3	23,1
TOTAL	13	100

TABELA 4 – Exames realizados no hospital veterinário Santa Clara durante o ESO em Medicina Veterinária, no ano 2019

EXAMES	QUANTIDADE DE EXAMES	(%)
Bioquímico	40	21,1
Ecocardiograma	5	2,5
Eletrocardiograma	6	3,5
Glicemia	7	3,4
Hemogase	20	10,5
Hemograma completo	57	30,0
Lactato	6	3,5
Raio X	9	4,7
Teste 4DX	4	2,1
Teste FIV/FELV	6	3,5
Ultrassom	30	15,2
TOTAL	190	100

TABELA 5- Enfermidades clínicas acompanhados no hospital veterinário São Francisco de Assis durante o ESO em Medicina Veterinária no ano de 2019

ENFERMIDADES	QUANTIDADE DE ANIMAIS	(%)
Cinomose	6	27,3
Erliquiose	2	9,1
Estomatite/gengivite	2	9,1
Gastroenterite	3	13,6
Parvovirose	5	22,8
Pneumonia	1	4,5
Trauma por agressão	2	9,1
Trauma automobilístico	1	4,5
TOTAL	22	100

TABELA 6 - Procedimentos cirúrgicos acompanhados no hospital veterinário São Francisco de Assis durante o ESO em Medicina Veterinária, no ano de 2019

PROCEDIMENTO	QUANTIDADE DE ANIMAIS	(%)
Biopsia	3	15,0
Cesariana	3	15,0
Mastectomia	2	10,0
Ováriohisterectomia	3	15,0
Orquiectomia	4	20,0
Retrohidropropulsão	2	10,0
Tratamento periodontal	3	15,0
TOTAL	20	100

TABELA 7 - Outros procedimentos acompanhados no hospital veterinário São Francisco de Assis durante o ESO em Medicina Veterinária, no ano 2019

PROCEDIMENTO	QUANTIDADE DE ANIMAIS	(%)
Exame de rotina	2	14,3
Quimioterapia	3	21,4
Transfusão sanguínea	2	14,3
Sonda nasogástrica	5	35,7
Vacinação	2	14,3
TOTAL	14	100

TABELA 8 – Exames realizados no hospital veterinário São Francisco de Assis durante o ESO em Medicina Veterinária, no ano 2019

EXAMES	QUANTIDADE DE EXAMES	(%)
Bioquímico	15	8,7
Ecocardiograma	9	5,4
Eletrocardiograma	5	2,9
Glicemia	12	7,1
Hemogase	20	11,6
Hemograma completo	56	32,7
Lactato	6	3,6
Raio X	6	3,6
Teste 4DX	5	2,9
Teste FIV/FELV	3	1,7
Ultrassom	34	19,8
TOTAL	171	100

Durante o estágio, foi atendida uma gata, com 12 anos, com queixa de relutância alimentar e diagnóstico positivo, para o vírus da leucemia felina (FELV). O complexo gengivite estomatite felina desperta interesse, pois embora a enfermidade seja bastante comum em felinos, os sintomas já relatados são diferentes, e a progressão da doença é peculiar a cada animal.

O presente trabalho tem como objetivo realizar revisão da literatura sobre o tema com complexo gengivite estomatite felina, caso que foi acompanhado, durante o período do estágio supervisionado obrigatório.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Introdução

O Complexo Gengivite-Estomatite Felina (CGEF) é uma patologia crônica, que afeta a cavidade bucal, principalmente, a gengiva e o arco glossopalatino. Ocorre uma intensa inflamação gengival, alveolar, lingual e jugal, com presença de úlceras, sendo lesões focais ou difusas. Os dentes mais acometidos são os molares e os pré-molares (LYON, 2005).

Essa afecção inflamatória da cavidade oral é relativamente corriqueira na clínica felina e é essencial encontrar a causa primária da doença, favorecendo um bom prognóstico e a escolha terapêutica correta. Quando isso não é possível, deve-se fazer tratamento sintomático e de suporte (JOHNSTON, 2013).

Costa et al. (2007), relataram que os sinais clínicos mais comuns são: anorexia, ptialismo, halitose, perda de peso, relutância alimentar e presença de tártaro.

A gengivite/estomatite é uma doença grave que não possui uma etiologia definida, multifatorial, englobando resposta imunitária, a bactérias, vírus, estresse, alimentação. (SANTOS et al., 2016).

Por ser uma doença adversa para o Médico Veterinário, o diagnóstico e a terapia devem ser minuciosamente escolhidos (HOFMANN-APPOLLO et al., 2010). O seu tratamento vem sendo associado com protocolos clínicos e cirurgia (NIZA et al., 2004), sobretudo, valorizam uma terapia individual por paciente, compatível aos sinais apresentados.

3.2 Epidemiologia

3.2.1 Raças, sexo e idade

Não existem comprovações científicas, que relatam que a estomatite/gengivite está ligada ao sexo, raça ou idade. Entretanto pode ocorrer maior prevalência em raças como a Siamesa, Abissínia, Persa, Himalaia e Birmanesa. Há, ainda, indicativas de predisposição genética (HENNET et al, 2011).

Em relação à idade, habitualmente aparece quando o animal é de adulto para sênior. É menos comum o aparecimento em animais muito jovens, mas pode surgir a partir dos 3 anos de idade (HOFMANN-APPOLLO et al., 2010).

3.3 Etiologia

O complexo gengivite estomatite felina advém de qualquer reação inflamatória constante nas gengivas do animal (NIZA et al., 2004), sendo assim, a causa pode estar associada a agentes virais, bacterianos, ambiental, alimentares, estresse, ou a combinação de todos eles, além da predisposição genética e fatores imunológicos (DOLIESLAGER, 2012).

3.3.1 Ambiente, alimentação e estresse

Não existe comprovação em relação qual melhor forma de alimento, industrial ou natural, que possa ser oferecido ao animal para evitar o surgimento dessa doença (ROCHETTE, 2001).

Em gatos, qualquer mudança de rotina no seu ambiente, pode ser um fator estressante, podendo ser um estímulo, que contribui para o aparecimento de doenças (OLCZAK et al., 2005).

O estresse biológico pode ter consequências acentuadas tanto nos sistemas nervoso e endócrino, como no sistema imune, atuando na propensão de infecções e gerar outras anormalidades físicas e comportamentais (McEWEN, 2007).

3.3.2 Vírus

De acordo com Hofmann-Apollo et al. (2011), os vírus que colaboram com a eclosão da estomatite gengivite nos gatos são o calicivírus felino (CVF), o vírus da imunodeficiência felina (VIF), o vírus da leucemia felina (VLF), o herpesvírus felino (HVF-1), o vírus da peritonite infecciosa felina (VPIF).

O cálicevírus habita o trato respiratório superior dos felinos e sua replicação viral ocorre nos tecidos epiteliais das vias respiratórias e cavidade oral, causando úlceras e necrose. (RADFORD et al., 2007). Outro vírus relacionado, o herpesvírus, causador da rinotraqueite felina, um dos quadros clínicos é ulceração na cavidade oral (HARGIS et al., 1999). Na maioria dos animais acometidos com gengivite-estomatite, ocorre a presença de ambos os vírus no histopatológico, porém, não há nenhuma comprovação que são fatores desencadeantes da inflamação (JUNIOR, 2010).

Quando um gato apresenta leucemia felina (FELV), um dos sinais clínicos mais frequentes é o complexo gengivite estomatite (NAJAFI et al., 2014).

A inflamação gengival crônica é um resultado mais corriqueiro na infecção por FIV. Vários estudiosos afirmaram que 50% a 80% dos gatos infectados por FIV contêm gengivite crônica (HOSIE et al., 2009).

3.3.3 Bactérias

As bactérias mais frequentes nas infecções na cavidade oral são bacteroides spp. (*B. gingivalis* e *B. intermedius*), *Peptostreptococcus* spp., *Fusabacterium* spp., *Actinobacillus actinomycetemcomitans*, *bartonella henselae* e algumas espiroquetas. Apesar disso, não é a causa base da gengivite estomatite, apenas uma infecção oportunista (JUNIOR, 2010).

Quando é feito o tratamento periodontal, há uma melhora significativa na inflamação da gengiva, e, em vista disso, considera-se que o tártaro exerça uma atribuição na manutenção da inflamação da cavidade oral (SANTOS et al., 2016).

3.3.4 Imunológico

Os gatos infectados geralmente apresentam concentrações séricas aumentadas de IgG, IgM, IgA e albumina, desta forma, há uma predisposição de uma resposta exacerbada aos antígenos, como bactérias e vírus. Contudo, a resposta imunológica não é suficiente para o

controle desses antígenos, porém é significativa para ocasionar uma inflamação crônica (HENNET, 2011).

3.4 Sinais clínicos

Os sinais clínicos que acompanham a síndrome são: inapetência, ptialismo, desconforto, disfagia, perda de peso e desidratação (WINER et al., 2016).

Muitas vezes os gatos não conseguem realizar sua higienização, devido ao incomodo causados pelas lesões bucais (JOHNSTON, 2013).

Os gatos afetados podem manifestar dificuldade na apreensão do alimento, seletividade alimentar e devido ao crescimento tecidual na região da tonsila (Figura 17), exteriorizar a língua (MATILDE et al., 2013).

Em casos mais graves da progressão da doença os gatos mudam até o comportamento surgindo; agressividade, irritação e depressão (SANTOS et al., 2016).

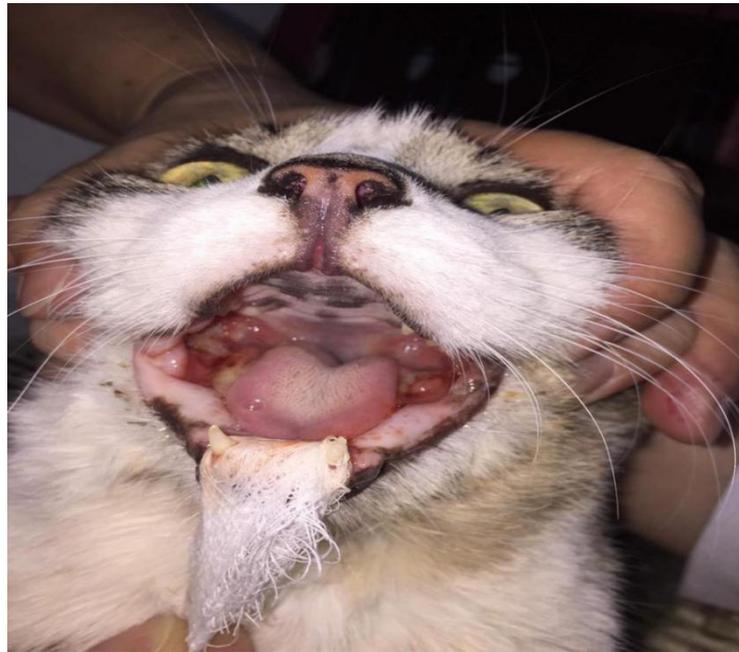


FIGURA 17 - Paciente felina, Teca, com lesões ulceradas na gengiva (2019).

3.5 Diagnóstico

Para ter sucesso no diagnóstico, é necessário realizar uma anamnese bem detalhada, colhendo todas informações necessárias para o fechamento do diagnóstico (HOFMANN-APPOLLO et al., 2010).

É necessário efetuar o exame físico da cavidade oral, portanto, recomenda-se realizar com o animal sedado ou anestesiado, devido ao incomodo e a dor que gera a estomatite/gengivite (NIZA et al., 2004).

A abordagem diagnóstica deve incluir os exames complementares como: hemograma completo, perfil bioquímico, urinálise, teste para diagnóstico de doenças sistêmicas, análises sorológicas e virológicas (HARVEY, 2006).

O diagnóstico definitivo só é possível com biopsia e histopatológico das lesões (COSTA et al., 2007).

O diagnóstico diferencial inclui: doença periodontal severa, granuloma eosinofílico, diabete melito, insuficiência renal e doenças autoimunes como pênfigo vulgaris, necrose epidérmica toxica, lúpus eritematosos e eritema multiforme (WIGGS, 2009).

3.6 Tratamento

A resposta do tratamento varia de animal para animal, além da dedicação do tutor com o tratamento da doença (NIZA et al., 2004).

Por ser uma doença que não tem uma etiologia totalmente definida, não existe um protocolo terapêutico de escolha e sim o uso de várias abordagens terapêuticas, como o tratamento clínico e cirúrgico (SANTOS et al., 2016).

Deve-se realizar o tratamento periodontal completo, realizando a exodontia, juntamente com administração de antimicrobianos, para combater a inflamação e reduzir as bactérias na cavidade oral (Figura 18).

Segundo alguns autores a eficácia da remoção dos dentes foram de 80% de melhora e 20% de recidiva (HENNET et al, 2011).

Os antibióticos de escolha são clindamicina, a associação de metronidazol com espiramicina, ou de amoxicilina com ácido clavulânico, a doxiciclina ou a enrofloxacina (HARVEY, 2006).



FIGURA 18 - Paciente felina, Teca, após a extração dentária (2019).

Pode ser utilizado também, como parte do tratamento a combinação de vários fármacos, como antibióticos, anti-inflamatórios, imunossupressores e imunomoduladores (HOFMANN-APPOLLO et al., 2010).

O uso de interferon tem sido defendido por vários autores na doença GEF, sendo utilizados dois tipos de IFN o Interferon Alfa-2A Recombinante Humano (rHuIFN-2 α) e o Interferon Ômega Recombinante Felino (rFeIFN- Ω) (NIZA et al., 2004).

O Interferon humano tem sido utilizado por muitos anos, em doses baixas no tratamento de infecções virais, sendo utilizado no complexo gengivite estomatite, devido a sua ação antiviral e imunomoduladora (HOFMANN-APPOLLO et al., 2010). Entretanto, atualmente foi substituído pelo interferon ômega recombinante, visto que esse fármaco promove a cascata de citocinas quando encontra as células da mucosa oral, permitindo um efeito imunomodulador (JOHNSTON, 2013).

Imunoestimulantes como vitaminas A e E, o ácido ascórbico, e minerais como o zinco, são importantes, para a plenitude da mucosa oral, contribuindo, para uma evolução positiva do complexo gengivite estomatite (WIGGS, 2009).

E o uso de imunossupressores como cefalosporina A, também tem efeito promissor (LOMMER, 2013). Porém, alguns autores declaram que o uso prolongado de imunossupressores como a ciclosporina A, pode potencializar o surgimento de neoplasias, como linfoma (GREGORY, 2000).

O controle da dor é essencial para o tratamento, sendo utilizados fármacos analgésicos opióides como: buprenorfina, o fentanil e o tramadol (CRAWFORD e LOSEY,2013).

3.7 Profilaxia

Segundo a literatura, não existe uma profilaxia eficaz para gengivite estomatite felina, o que se deve fazer é higienizar bem a boca do animal, fazendo escovações diariamente, evitando o surgimento de placas bacterianas. O manejo dietético também contribui para a prevenção (CORBEE et al., 2012), utilizando rações que minimizam o surgimento de tártaro e que sejam hipoalergênica (QUECK, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O complexo gengivite estomatite felina é uma doença pouco conclusiva, e a condição do animal influenciará no resultado do tratamento. É uma patologia de caráter crônico e os proprietários devem estar cientes da gravidade da doença.

Dentre todas as alternativas de tratamento, é indispensável o tratamento periodontal associado, com tratamento suporte, uma vez que a presença de tártaro pode ser um fator que provoca as lesões.

O estágio curricular obrigatório contribuiu para o crescimento profissional, proporcionando a oportunidade de novas experiências profissionais, tendo contato com profissionais das mais diversas especialidades.

É bastante impactante sair da faculdade e começar a exercer a profissão. Por isso, o estágio curricular obrigatório é essencial, à medida que oportuniza experiência prática sem deixar se lado o cuidado emocional, que é preciso desenvolver, ao lidar com as dificuldades apresentadas pelos pacientes.

REFERÊNCIAS

CORBEE, R.J.; BOOIJ-VRIELING, H.E.; VAN DE LEST, C.H.; PENNING, L.C.; TRYFONIDOU, M.A.; RIEMERS, F.M.; HAZEWINKEL, H.A. Inflammation and wound healing in cats with chronic gingivitis/stomatitis after extraction of all premolars and molars were not affected by feeding of two diets with different omega-6/omega-3 polyunsaturated fatty acid ratios. **Journal of Animal Physiology and Animal Nutrition**, v. 96, n. 4, p. 671-80, 2012.

COSTA, P.R.S.; CONCEIÇÃO, L.G.; MORAES, M.P.; TSIOMIS, A.C.; DUARTE, T.S.; PRADO, R.F.S.; PENA, L.J.; BARRIOS, P.R.; PENA, D.A. Gengivite/Estomatite linfocíticoplasmocitária em gatos – relato de quatro casos. **Revista Clínica Veterinária**, v. 66, n. 12, p. 28-34, 2007.

CRAWFORD, J.; LOSEY, B.J. Feline Dentistry. In: PERRONE, J. (editora) **Small Animal Dental Procedures for Veterinary Technicians and Nurses**. 2. ed. Iowa: Wiley-Blackwell. 2013. Cap. 8, p. 145-151.

DOLIESLAGER, S.M.J. **Studies on the aetiopathogenesis of feline chronic gingivostomatitis**. 2012. 239f. Tese (Doutorado) - College of Medicine, Veterinary and Life Sciences/ University of Glasgow, 2012.

JUNIOR, G. **Avaliação da ocorrência do calicivírus felino e do herpesvírus felino tipo 1 em gatos com gengivite-estomatite crônicas naturalmente infetados pelo vírus da imunodeficiência felina**. 2010. 82f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia/ Universidade de São Paulo, 2010.

GREGORY, C.R. Immunosuppressive agents. In: BONAGURA, J.D. (Ed) **Current Veterinary Therapy XIII: Small Animal Practice**. Philadelphia: W.B. Saunders Company, 2000. p. 509-513.

HARGIS, A.M.; GINN, P.E.; MANSELL, J.E.K.L.; GARBER, R.L. Ulcerative facial and nasal dermatitis and stomatitis in cats associated with Feline herpesvirus-1. **Veterinary Dermatology**, v. 10, n. 4, p. 267-274, 1999.

HARVEY, C.E. Cavidade Oral. In: CHANDLER, E.A.; GASKELL, C.J.; GASKELL, R.M. (Org) **Clínica e terapêutica em felinos**. São Paulo: Roca, 2006. Cap. 15, p. 312-25.

HENNET, P.R.; CAMY, G.A.; McGAHIE, D.M.; ALBOUY, M.V. Comparative efficacy of a recombinant feline interferon omega in refractory cases of caliciviruspositive cats with caudal stomatitis: a randomized, multi-centre, controlled, double-blind study in 39 cats. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 13, n. 8, p. 577 – 587, 2011.

HOFMANN-APPOLLO, F.; CARVALHO, V.G.G.; GIOSO, M.A. Complexo gengivite-estomatite-faringite dos felinos. **Revista Clínica Veterinária**, n. 84, p 44–52, 2010.

HOSIE, M.J. et al. Feline immunodeficiency: ABCD guidelines on prevention and management. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 11, n. 7, p. 575-584, 2009.

JOHNSTON, N. An updated approach to chronic feline gingivitis stomatitis syndrome. **Veterinary Practice**, v. 44, p. 34-38, 2013.

LOMMER, M.J. Efficacy of cyclosporine for chronic refractory stomatitis in cats: randomized, placebo-controlled, double blinded clinical study. **Journal of Veterinary Dentistry**, v. 30, n. 1, p. 8-17, 2013.

LYON, K.F. Gingivostomatitis. **Veterinary Clinics Small Animal Practice**, v. 35, n. 4, p. 891-911, 2005.

MATILDE, K.S. et al. Complexo gengivite estomatite felina: Revisão de Literatura. **Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 20, n. 2, p.160- 170, 2013.

McEWEN, B.S. Physiology and neurobiology of stress and adaptation: central role of the brain. **Physiological Reviews**, v. 87, n. 3, p. 873-904, 2007

NAJAFI, H., MADADGAR, O.; JAMSHIDI, S.; LANGEROUDI, A.G.; LEMRASKI, M.D. Molecular and clinical study on prevalence of feline herpesvirus type 1 and calicivirus in correlation with feline leukemia and immunodeficiency viruses. **Veterinary Research Forum**, v. 5, n. 4, p. 255-261, 2014.

NIZA, M.; MESTRINHO, L.A.; VILELA, C.L. Gengivo-estomatite crônica felina – um desafio. **Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias**. v. 99, n. 551, p. 127-135, 2004.

OLCZAK, J.; JONES, B.R.; PFEIFFER, D.U.; SQUIRES, R.A.; MORRIS, R.S.; MARKWELL, P.J. Multivariate analysis of risk factors for feline hyperthyroidism in New Zealand, **New Zeland Veterinary Journal**, v. 53, n. 1, p.53-58, 2005.

QUECK, K.E. Algorithm for feline lymphoplasmacytic stomatitis: what to do next. In: EUROPEAN CONGRESS OF VETERINARY DENTISTRY, 21., Lisboa, 2012. **Proceedings...** Lisboa, 2012. p.67.

RADFORD, A. D.; COYNE, K. P.; PORTER, C. J.; GASKELL, R. M. Feline calicivirus. **Veterinary Research**, v. 38, n. 2, p. 319-335, 2007.

REITER, A. Common dental and periodontal pathology in dogs and cats. In: EUROPEAN CONGRESS OF VETERINARY DENTISTRY, 20, Chalkidiki, Grécia, 2011. **Proceedings...** Chalkidiki: EVCD, 2011. P. 49- 50.

ROCHETTE, J. Treating the inflamed mouth. Livro de Resumos In: CONGRESS WORLD SMALL ANIMAL VETERINARY ASSOCIATION, 26, Vancouver, 2001. **Proceedings...** Vancouver: SAVA, 2001. p. 3-27.

SANTOS, B.; REQUICHA, J. PIRES, M.A.; VIEGAS, C. Complexo GengiviteEstomatite-Faringite-Felino – A doença e o diagnóstico. **Revista Lusófona de Ciência e Medicina Veterinária (S.I)**, v. 8, p.18-27, 2016.

WIGGS, R.B. Estomatite Linfocítica-plasmocítica. In: NORWORTHY, G. D.; CRYSTAL, M. A.; TILLEY L. P. (Eds) **O paciente felino**, São Paulo: Roca, 2009. p. 667-669.

WINER, J.N.; ARZI, B.; VERSTRAETE, F.J.M. Therapeutic management of feline chronic gingivostomatitis: a systematic review of the literature. **Frontiers in Veterinary Science**, v. 3, p.1-10, 2016.